

**E** ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)



# Sumário

PREFÁCIO .....	7
FONOLOGIA DE LABORATÓRIO.....	11
<i>Paulo Chagas de Souza</i>	
MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA SINTAXE .....	37
<i>Ana Paula Scher</i>	
A CARTOGRAFIA SINTÁTICA .....	61
<i>Esmeralda Vailati Negrão</i>	
UM NOVO OLHAR NOS ESTUDOS DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL.....	83
<i>Margarida Petter</i>	
A TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA .....	103
<i>Ronald Beline Mendes</i>	
SOCIOFILOGIA ROMÂNICA E LATINA.....	125
<i>Thomas Finbow</i>	
SEMIÓTICA TENSIVA.....	151
<i>José Luiz Fiorin</i>	
FUNDAMENTOS PARA UMA SEMIÓTICA DE CORPOS EM AÇÃO.....	171
<i>Leland McCleary e Evani Viotti</i>	
LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL .....	195
<i>Marcelo Ferreira e Marcos Lopes</i>	
A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM .....	215
<i>Didier Demolin e Luciana R. Storto</i>	
OS AUTORES .....	233

# Prefácio

Faz-se ciência com os fatos, como se faz uma casa com pedras;  
mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um  
montão de pedras não é uma casa.

(Henri Poincaré, *A ciência e a hipótese*, Brasília,  
Editora da UnB, 1984: 115).

Darcy Ribeiro, num texto que aparece em seu livro *Sobre o óbvio: ensaios insólitos* (Porto Alegre, L&PM, 1979), diz:

Acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles – nosso negócio – é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para ir tirando os véus, desvendando, a fim de revelar a obviedade do óbvio. O ruim deste procedimento é que parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras, mais óbvias ainda. [...] É óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos.

A Linguística dedica-se a descrever e explicar a capacidade de linguagem dos seres humanos. A linguagem é algo que está à vista de todos. No entanto, não é simples mostrar como funciona essa faculdade que está presente em todas as situações da vida de cada homem. Exige a criação de aparatos teóricos bastante complexos.

O objeto empírico da Linguística é, pois, a linguagem humana. Ela tem por finalidade elucidar seu funcionamento, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo. No entanto, o objeto empírico é diferente dos objetos observacionais e teóricos. O objeto observacional é a “região” do objeto empírico que será objeto de estudo. A Linguística tem distintos objetos observacionais, por exemplo, os sons, as palavras, a sentença, o discurso e assim por diante. Por isso, tem diversas áreas: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a socio-linguística, os estudos do discurso, etc. Sendo delimitado um objeto observacional, estabelecem-se entidades básicas, a partir das quais serão atribuídas propriedades aos fenômenos pertencentes ao campo de análise, e serão determinadas relações entre

eles. O objeto observacional converte-se então em objeto teórico. Por essa razão, a ciência da linguagem tem diferentes abordagens para o mesmo objeto observacional.

A ciência constrói modelos que explicam parte da realidade. Por isso, não chega à verdade absoluta e eterna, mas a consensos parciais sobre as explicações que dá para certos fenômenos. Ela é sempre uma aproximação da realidade. A ciência tem sempre compromisso com o real e, por isso, a validade de suas explicações precisa ser verificada, suas hipóteses necessitam ser testadas, suas conclusões devem ser submetidas ao teste da falseabilidade. Por essa razão, a ciência é antidogmática.

A ciência progride sempre porque novos objetos teóricos são criados à medida que se constata que os objetos teóricos existentes não explicam determinados fenômenos; novas hipóteses são levantadas porque as hipóteses formuladas não se confirmam; a explicação de determinados fatos coloca novas perguntas que o pesquisador deve responder; determinadas análises mostram novos caminhos a percorrer e assim sucessivamente. Por isso, surgem novos objetos, novos programas de pesquisa, novos pontos de vista teóricos, novas maneiras de explicar um determinado fato, novas tendências numa ciência.

O objetivo deste livro é apresentar novas tendências na pesquisa linguística. Para isso, reunimos pesquisadores de dez áreas da ciência da linguagem para expor uma tendência atual em seu domínio do conhecimento: fonologia, morfologia, sintaxe, estudo do português popular, sociolinguística, linguística histórica, semiótica, linguagem na interação face a face, linguística computacional, origem e evolução da linguagem.

Paulo Chagas de Souza explica o que é a fonologia de laboratório. Os estudos dos sons da linguagem, tradicionalmente, eram divididos em duas disciplinas distintas: a fonética e a fonologia. Atualmente, no entanto, aparece um novo modo de investigar os fenômenos fonológicos por meio de métodos experimentais, pondo em xeque a separação rígida entre essas duas áreas do conhecimento. Nele, levam-se em conta características físicas ou fisiológicas na explicação de alguns fenômenos fonológicos.

Ana Paula Scher elucida o que é a morfologia distribuída. Diferentemente dos modelos lexicalistas, em que a formação de palavras é explicada por processos morfológicos realizados em um componente lexical, esse modelo propõe que expressões linguísticas de qualquer natureza, sejam elas palavras ou sentenças, são geradas pelo mecanismo computacional da arquitetura da gramática, a sintaxe. Assim como já vinha sendo feito com a morfologia flexional, a morfologia derivacional passa, então, a ser explicada pela sintaxe.

Esmeralda Vailati Negrão expõe os fundamentos do projeto de pesquisa denominado cartografia sintática. Decorrente do modelo de princípios e parâme-

tros, ele “visa a desenhar mapas, tão precisos e detalhados quanto possível, das configurações sintáticas”, mostrando todos os detalhes das estruturas geradas. O que se pretende é verificar os mapas estruturais adequados para a sintaxe das línguas naturais.

Margarida Petter, depois de mostrar que sempre se analisou o português brasileiro, cotejando-o com o português europeu, propõe outra perspectiva teórico-metodológica para seu estudo, em que se confronta o português brasileiro com as variedades dessa língua faladas na África, o que implica admitir a centralidade do contato na mudança linguística. Esse novo ponto de vista explica muitos fatos do português brasileiro, ao mesmo tempo que sugere novos temas de pesquisa.

Ronald Beline Mendes discorre sobre a terceira onda da sociolinguística, que representa uma volta à primazia do significado social da variação, que, na história da disciplina, cederá a centralidade à questão da mudança linguística. Para isso, ela não trabalha apenas com macrocategorias sociais, mas leva às últimas consequências a noção de práticas estilísticas. Opera com a premissa de que os significados sociais das variantes linguísticas são, eles próprios, variáveis.

Thomas Finbow apresenta a sociofilologia, que incorpora as descobertas da sociolinguística variacionista à linguística histórica, almejando conectar a chamada história interna (evolução do sistema linguístico) com a história externa (eventos no entorno sociocultural) e analisar como as mudanças eram percebidas, concebidas e denominadas. O texto também examina os novos enfoques que a sociofilologia traz para a linguística românica.

José Luiz Fiorin expõe os princípios e fundamentos da semiótica tensiva, que busca construir um modelo para descrever os fenômenos contínuos, diretamente associados ao universo sensível. Enquanto a semiótica “clássica” aborda a questão da descontinuidade, do valor, da oposição, da diferença, a semiótica tensiva trata da continuidade, da gradualidade, da valência, da tensividade, da complexidade, da dependência no estudo da significação.

Leland McCleary e Evani Viotti discutem a natureza multimodal da comunicação humana. Vão mostrar que ela envolve corpos em ação, num processo semiótico contínuo que se vale de todos os recursos corporais disponíveis. O texto trata, portanto, da construção da significação no processo real de comunicação, analisando, de maneira aprofundada, a gestualidade, entendida em sentido amplo.

Marcelo Ferreira e Marcos Lopes explanam o que é a linguística computacional, seu papel nas tarefas de descrição e análise linguística, bem como suas potencialidades. Essa área, que conta com poucos pesquisadores no Brasil, tem cada vez mais importância, pois, numa época em que se dá o que é chamado a quarta revolução

industrial, ela tem significativo impacto social e econômico. Com exemplos bastante simples, mas ao mesmo tempo muito adequados, apresentam a maneira como se trabalha nesse domínio da ciência da linguagem.

Didier Demolin e Luciana R. Storto tratam da questão da origem e da evolução da linguagem. Esse tema parecia inacessível à abordagem científica, a ponto de, em 1866, a Sociedade de Linguística de Paris proibir a discussão desse assunto. No final do século xx, a questão volta a ser objeto de estudo, partindo de dados da Genética, das Neurociências, da Paleontologia, da Antropologia, da Psicologia Comparada, da Tipologia Linguística, da Linguística Histórica e da Modelagem Matemática. Hoje, é um campo de pesquisa em pleno desenvolvimento.

Como se vê, este livro apresenta um amplo panorama de tendências atuais em linguística, permitindo ao interessado na ciência da linguagem atualizar-se sobre o que se passa em diferentes áreas da Linguística.

São Paulo, numa pluviosa, mas cálida manhã do verão de 2016.

José Luiz Fiorin